

Patrimônio e paisagem vernacular: a arquitetura de taipa como marca identitária do viver na comunidade do Cedro Novo em Quixadá, Ceará

Heritage and vernacular landscape: the rammed earth architecture as an identifying mark of life in the Cedro Novo community in Quixadá, Ceará

Patrimonio e paisaje vernáculo: arquitectura de tierra apisonada como marcador de identidad de la vida comunitaria em Cedro Novo, Quixadá, Ceará

Francisco Iarlei Martins Soares – francisco.iarlei@uece.br
Mestrando em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3692-9078>

Otávio José Lemos Costa – otavio.costa@uece.br
Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará - UECE
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8354-442x>

Resumo

O presente trabalho analisa a arquitetura de taipa da comunidade Cedro Novo em Quixadá, Ceará, como expressão da paisagem vernacular que marca a identidade do viver no contexto do Semiárido. Parte-se da compreensão de um patrimônio invisibilizado pelas políticas patrimoniais, que por muito tempo foi valorizado apenas pela sua forma, compondo uma paisagem de beleza cênica. Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa fundamentada na fenomenologia, com revisão bibliográfica, análise do dossiê do Projeto Inventário Participativo realizado na comunidade e a utilização de registro fotográfico. Conclui-se que a construção de casas de taipa expressa a identidade territorial dos moradores a partir de saberes e conhecimentos transmitidos entre gerações, configurando uma paisagem simbólica materializada pela arquitetura vernacular.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Lugar, Identidade, Paisagem Vernacular, Comunidade.

Abstract

This study analyzes the taipa (wattle-and-daub) architecture of the Cedro Novo community in Quixadá, Ceará, as an expression of the vernacular landscape and as an identity marker of living in the Semi-Arid context. It is based on the understanding of a heritage that has been rendered invisible by heritage preservation policies and that, for a long time, was valued only for its form, composing a scenically beautiful landscape. Methodologically, the research adopts a qualitative approach grounded in phenomenology, combining a literature review, an analysis of the dossier of the Participatory Inventory Project carried out in the community, and the use of photographic records. The study concludes that the construction of taipa houses expresses the territorial identity of the residents through knowledge and practices transmitted across generations, configuring a symbolic landscape materialized through vernacular architecture.



Key words: Cultural heritage, Place, Identity, Vernacular Landscape, Community.

Resumen

Este estudio analiza la arquitectura de *taipa* (bahareque) de la comunidad de Cedro Novo en Quixadá, Ceará, como una expresión del paisaje vernáculo que define la identidad de la vida en la región semiárida. Comienza reconociendo una forma de patrimonio a menudo ignorada por las políticas patrimoniales: aquella que durante mucho tiempo se valoró únicamente por su estética y su contribución a la belleza paisajística. Desde una perspectiva metodológica, la investigación adopta un enfoque cualitativo basado en la fenomenología, que incluye una revisión bibliográfica, el análisis del expediente del Proyecto de Inventario Participativo realizado en la comunidad y el uso de documentación fotográfica. El estudio concluye que la construcción de casas de *taipa* expresa la identidad territorial de los habitantes a través de conocimientos y habilidades transmitidos de generación en generación, creando así un paisaje simbólico materializado en la arquitectura vernácula.

Palavras-chave: Patrimônio cultural, lugar, identidade, paisaje vernáculo, comunidade.

Recebido em: 15/06/2026
Aceito para publicação: 22/06/2026
Publicado: 16/08/2026



Introdução

Quando se fala em patrimônio, surgem várias conotações, algumas relacionadas a algo herdado ou adquirida, o que denota um sentido utilitarista do bem. O patrimônio familiar, econômico, arqueológico ou ecológico surge de uma necessidade apregoada pela sociedade de atribuir valor a algo que considera importante por significados especiais ou, no caso financeiro, a um sentimento de poder e conquista.

No Brasil, o conceito de patrimônio se difundiu a partir de uma visão estética, arquitetônica e monumental, aspectos que tornariam a paisagem mais bela. Essa perspectiva promoveu, ao longo do século XX, o tombamento de inúmeros prédios e cidades coloniais, pois estes seriam os símbolos da nação brasileira catalogados pelos técnicos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1937 e atual IPHAN.

Essa característica da trajetória das políticas patrimoniais no Brasil fez com que as manifestações culturais de diversos povos subalternos fossem desconsideradas, o que invisibilizou a dimensão imaterial do patrimônio de várias comunidades. Os saberes, os modos de fazer, as crenças, as manifestações e as formas de habitar que produzem a paisagem vernacular foram negligenciados por muito tempo, sendo recente a sua integração e valorização como patrimônio cultural.

Como exemplo desse aspecto, temos a comunidade do Cedro Novo, que está localizada entre dois geossímbolos do município de Quixadá-CE: a Pedra da Galinha Choca e o Açude Cedro. O primeiro, é uma formação rochosa com aspecto de uma galinha chocando ovos, que tecnicamente se chama inselbergues, e popularmente monólito. O segundo é uma obra histórica idealizada no período imperial após uma grande seca no século XIX, sendo um marco da política de açudagem no Nordeste Brasileiro. O açude foi tombado em 1984 por sua barragem de estética e arquitetura única, marca da intervenção estatal na região do Semiárido cearense.

Contudo, a comunidade do Cedro Novo não participou do processo de tombamento do açude como patrimônio, apesar de integrar aquele território historicamente. A comunidade desenvolve dinâmicas culturais específicas em constante diálogo com o ambiente natural e com as políticas de gerenciamento territorial do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

A paisagem produzida pelo cotidiano da comunidade a partir da sua interação com a natureza do lugar foi invisibilizada no processo de tombamento. Esse apagamento silenciou vozes e desconsiderou as memórias de uma população que vive e constrói sua identidade, materializa no espaço por meio da construção de casas de taipa, uma manifestação cultural e de resistência política que marca as relações socioespaciais.

A arquitetura de taipa na comunidade do Cedro Novo representa o vernáculo da paisagem, aquilo que não está visível pelo simples ato de ver, mas que, ao se observar a essência das relações cotidianas e sociais, revela uma paisagem eivada de significados e simbolismos. Esses elementos emergem de dinâmicas políticas e culturais em um processo relacional com o espaço.

O objetivo deste trabalho é compreender o patrimônio a partir do vernáculo da paisagem como marca identitária do viver na comunidade do Cedro Novo em Quixadá, Ceará. Para tanto, analisa-se a dimensão subjetiva da paisagem, com base no cotidiano e nas formas de vida que os sujeitos desenvolvem diante de um contexto político e geográfico singular. Busca-se compreender, especificamente, a construção das casas de taipa na comunidade como expressão do vivido e de resistência política, em um constante diálogo com a natureza do lugar.

O trabalho está estruturado em uma introdução, quatro seções de desenvolvimento e as considerações finais. Na primeira seção, apresenta-se de forma sucinta, o percurso metodológico adotado para alcançar o objetivo proposto. A segunda seção aborda a fundamentação teórica e conceitual do tema, em diálogo com autores basilares para a proposta. A terceira seção caracteriza a área de estudo, o contexto geral e histórico da fixação da comunidade e suas relações políticas. Por fim, a quarta seção traz a dimensão da construção da casa de taipa como um saber vernacular materializado na paisagem, eivado de memórias e significados.

Abordagem metodológica

Este trabalho se configura como um estudo qualitativo de caráter bibliográfico, fundamentado em uma abordagem fenomenológica. A pesquisa busca compreender as experiências dos sujeitos no processo de construção da casa de taipa, um saber preñado de significados que constitui o sentimento de lugar

por meio da memória coletiva da comunidade e de sua relação com a natureza (Relph, 1979).

Na revisão bibliográfica, debruçamo-nos sobre as perspectivas dos conceitos de paisagem e de patrimônio, compreendendo o seu percurso histórico e conceitual. Dessa forma, alcançou-se a abordagem do vernáculo como um entendimento múltiplo baseado no cotidiano e na vida comum, para evidenciar a produção sociocultural do espaço a partir do mundo vivido.

Para a análise das narrativas, utilizou-se como fonte de dados o Dossiê do Projeto Inventário Participativo, realizado na comunidade do Cedro Novo no período de 2023 a 2025. Esse documento identificou, por meio da participação social, as referências culturais dos moradores, o que permitiu compreender a dimensão subjetiva do patrimônio, aspecto que, muitas vezes, não é valorizado pela visão técnica institucional.

Esse documento é essencial, pois atua como uma fonte primária das vozes invisibilizadas ao longo do tempo pelas políticas patrimoniais. Trata-se de relatos que evidenciam o conjunto de relações que permeiam o ato de habitar aquele espaço, o qual se configura, simultaneamente, como território e lugar.

Com o objetivo de alcançar uma compreensão ampla, foi utilizada uma fotografia para dialogar com os dados primários e com a bibliografia escolhida. Essa estratégia potencializa a abordagem metodológica por meio da representação visual do objeto de estudo, o que permite observar os aspectos singulares do processo de construção da casa de taipa.

Dessa forma, para alcançar o objetivo do trabalho, esse percurso metodológico congrega elementos que perpassam a análise teórica dos conceitos, a compreensão das narrativas dos moradores e a observação de dados iconográficos que representem a paisagem vernacular em sua forma material. Portanto, esse conjunto de procedimentos se estrutura em uma lógica dinâmica de pesquisar um determinado fenômeno.

Patrimônio, paisagem vernacular e o sentimento de lugar

O patrimônio cultural no Brasil teve sua institucionalização na década de 1930, com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua trajetória histórica até o final do século XX foi marcada pela

valorização do patrimônio com base em seu caráter material, visível e palpável, formado por uma paisagem esteticamente bela, sobretudo pela herança das construções coloniais (Costa, 2016).

Paisagem e patrimônio sempre tiveram uma associação fortemente marcada por sua forma, o que gerou o “discurso autorizado de patrimônio” (Smith, 2021). Esse discurso molda as práticas profissionais na gestão e preservação de um bem, sendo baseado, sobretudo, em uma visão técnica institucional que detém um poder simbólico (Bourdieu, 2003) atuante na operacionalização de órgãos patrimoniais. Consequentemente, mantém-se uma visão restrita tanto da paisagem quanto do patrimônio.

A valorização da paisagem passa por um complexo de interpretações de múltiplos interesses, em diferentes escalas espaciais e mentais. Um exemplo disso é a concepção do belo, do monumento e da arquitetura tradicional, aspectos que marcam a dominação de uma classe social sobre outra. Essa vertente paisagística foi disseminada ao longo do tempo pelas elites, com forte atuação de órgãos estatais que destacaram tais elementos como símbolos nacionais.

Em contrapartida a essa perspectiva limitada, vários autores discorreram acerca das múltiplas compreensões e dimensões da paisagem. Diante desse panorama e colaborando para novas narrativas conceituais, Costa (2020) aborda o tema a partir da literatura na obra *O Sertanejo*, de José de Alencar, analisando o romance sob uma ótica geográfica. Ao discorrer sobre a paisagem vernacular no sertão cearense, o autor examina a forma como Alencar descreve o cenário sertanejo, o que permite ao leitor criar cenas a partir do texto identificando o vernáculo construído pelas práticas e saberes dos sujeitos no ambiente semiárido.

Dessa forma, a paisagem passa a ser compreendida a partir de um processo contínuo de construção sociocultural na relação entre sociedade e natureza, sintetizando o cotidiano vivido e experienciado no lugar. Essa dinâmica engendra um sentimento de apego e afeto, o que confere significado à paisagem. Portanto, esse significado é dotado de uma subjetividade provenientes das atividades que moldam a percepção individual do sujeito perante o seu ambiente e sua forma de ver o mundo.

O saber vernacular molda os espaços conforme o sujeito se apropria da natureza a partir da cultura. Essa dinâmica produz uma paisagem singular, eivada de conexões sensíveis e imaginativas da experiência humana, além de ser

prenhe de valores e memórias que se materializam no espaço. Assim, a paisagem vernacular compõe uma dialética do testemunho da vivência social de um grupo sobre a superfície terrestre (Soares; Aragão, 2020).

Nesse sentido, Jean Marc Besse (2003) destaca a paisagem vernacular como um componente vital na construção da identidade, estruturada a partir da ação do sujeito no lugar.

“A noção de paisagem vernacular exprime o fato de que o ser humano não é somente um ser dotado de linguagem, de pensamento, e da possibilidade de agir livremente (o que define sua capacidade política), mas que ele é também, e ao mesmo tempo, um habitante da Terra e da natureza. Em outros termos, há um chão, e ele faz parte do meio, com o qual ele mantém constantemente relações. O vernacular é de uma certa maneira um signo de presença deste meio, em particular do meio natural, e deste chão”. (Bessè, 2003, p. 27)

A paisagem vernacular é um meio vivo relacional entre o ser humano e a natureza, calcado nas adaptações do sujeito aos ambientes. Essa busca por adaptabilidade promove a autoconstrução do ser, o qual é dotado de conhecimentos sobre o lugar que habita. Sob essa ótica, os modos de vida manifestam-se na paisagem, configurando um cenário que expressa um fenômeno vivido.

A geograficidade da paisagem manifesta-se na transformação da natureza pelo ser humano, um processo que atende a múltiplos fins e carrega diversos significados. Embora a gênese dessa transformação esteja implícita na imagem visual, apreender sua essência diante de uma totalidade exige um esforço psicológico, filosófico, epistêmico, emocional e político. Essa totalidade não é estática, pois se transforma ao longo do tempo à medida que a cultura se modifica e se manifesta de diferentes formas (Dardel, 2011).

Existe uma díade entre cultura e ambiente mencionada por Tuan (1980) que produz a geograficidade da paisagem destacada por Dardel (2011). Essa relação ocorre em um determinado ponto do espaço onde os sujeitos constroem laços afetivos a partir de vivências e experiências coletivas. Ao atribuírem a esse ponto um sentimento de apego e amor, os indivíduos geram um sentido de lugar, o qual se constitui naquilo que Tuan define como topofilia.

Nesse sentido, o lugar tem uma carga simbólica preenchida ao longo do tempo, levando em consideração algumas variáveis que estruturam essa dimensão, principalmente pelo aspecto do habitar aquela área a partir de um lar,

um abrigo fixo no espaço, essencial para a sobrevivência do sujeito contemporâneo. Contudo, para além do afeto, De Certeau (1994) ressalta que, dependendo de sua inserção espacial, o sujeito, sem sair do lugar onde tem que viver, encontrará leis, sejam elas humanas ou naturais, necessitando de uma criatividade plural para se manter ali.

Concorda-se com a perspectiva de Tuan (1980) acerca do afeto, articulada ao caráter normativo dos lugares elencado por De Certeau (1994). Diante dessas normas, o sujeito mobiliza táticas para ocupar determinado espaço, o que pressupõe o conhecimento do ambiente experienciado coletivamente. Esse processo resulta na construção de uma identidade moldada pelas atividades cotidianas, evidenciando a densidade simbólica que dota a paisagem de novos significados.

Longe de ser um mero cenário visual, a paisagem produzida pelas táticas é eivada de simbologias com significados singulares para os sujeitos. Ao analisar o vernáculo desse espaço, para além da sua dimensão puramente estética, encontram-se as memórias, as lutas e representações subalternas. Essa leitura revela uma história frequentemente invisibilizada pelo discurso autorizado de patrimônio (Smith, 2021).

A paisagem é produzida em um lugar onde se concretiza como uma construção social, noção enfatizada por Choay (2001), quando afirma

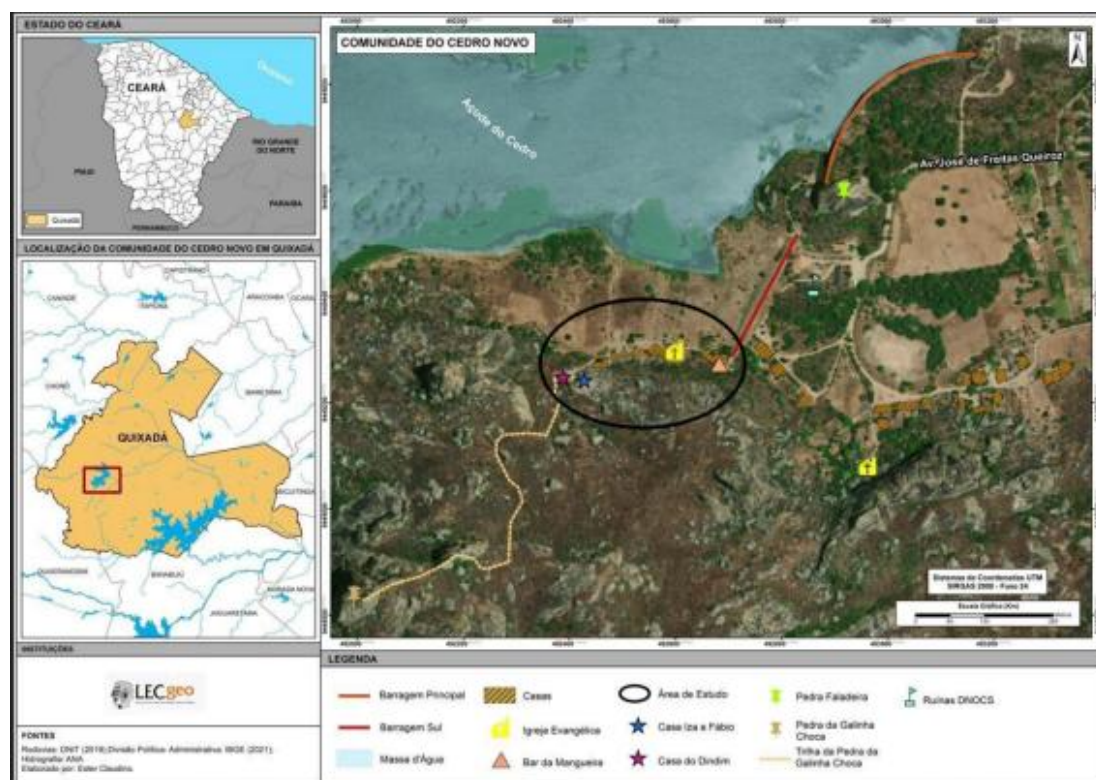
“o valor sagrado dos trabalhos que os homens de bem desaparecidos e desconhecidos, realizaram para honrar seu Deus, organizar seus lares, manifestar suas diferenças. Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações desaparecidas, a mais humilde habitação possui, da mesma forma que o mais glorioso edifício, o poder de nos pôr em comunicação, quase em contato com eles”. (Choay, 2001, p. 140)

Exalta-se o caráter de sociabilidade das coisas consideradas banais, aquilo que, para a concepção eurocêntrica de patrimônio, não possui significativa beleza nem valor de preservação. Equipara-se a simples forma de habitação aos prédios construídos por renomados engenheiros e arquitetos, evidenciando uma comunicação interativa dos grupos sociais com seu ambiente. Essa relação constitui o aspecto simbólico dos lugares a partir da compreensão do vernáculo como marca identitária do viver.

A comunidade do Cedro Novo e a construção da paisagem vernacular

Como bem representado na figura (01), a comunidade do Cedro Novo está localizada entre a Pedra da Galinha Choca e o espelho d'água do Açude Cedro, ambos geossímbolos do município de Quixadá, no Sertão Central cearense. Sua origem se deu a partir da conclusão do açude quando algumas famílias ainda no século XX, começaram a arrendar lotes para a produção rural, sendo o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) o órgão responsável pelo gerenciamento do território.

Figura 01 – Mapa de localização da comunidade do Cedro Novo.



Fonte: Ester Claudino, 2023.

A imagem acima evidencia bem a integração dos moradores com o patrimônio, um contexto bem específico numa área rural, uma característica que explica as dinâmicas e as formas de vida das pessoas nesse lugar. Numa área marcada pela presença monumental dos inselbergues, a vegetação da caatinga e as singularidades do clima semiárido, a comunidade desenvolveu formas particulares de ocupação e adaptação do ambiente. A prática da agricultura de vazante, a pesca e demais atividades culturais integram um conjunto de práticas e saberes que constituem uma paisagem que sintetiza conhecimentos, técnicas e experiências acumuladas ao longo do tempo.

Atualmente a comunidade conta com 70 pessoas distribuídas em 19 famílias, a maioria remanescentes dos primeiros moradores do lugar, sendo alguns tanto nascidos e criados no território. Com uma rica história e cultura, os moradores não foram incluídos no processo de patrimonialização do Açude Cedro realizado em 1984, tendo suas narrativas e memórias desconsideradas pelas políticas patrimoniais ao longo do tempo (Soares,2025).

Além da relação indissociável com a natureza, ao longo de quase um século a comunidade teve que seguir as normas impostas pelo DNOCS tanto no que concerne ao uso dos recursos disponíveis no território, como a quantidade de peixes retiradas do açude, quanto com a construção das habitações, onde não era permitido a partir da posse dos lotes imóveis de alvenaria. Esse aspecto político fez com que os moradores desenvolvem táticas e estratégias de convivência harmônica entre o poder institucional e as características físico naturais da área.

Dessa forma, a construção de casas de taipa foi a solução encontrada pelos sujeitos para enfrentar a imposição do órgão, o que fez desse tipo de construção uma forma de resistência política que se tornou um saber múltiplo de significados a partir da transmissão do conhecimento e da técnica, numa simbiose entre o homem e a natureza, configurando um saber cultural que perpassa várias dimensões geográficas e relacionais.

A casa de taipa como expressão do saber vernacular

A construção de casas de taipa marca a trajetória da comunidade do Cedro Novo em seu contexto relacional com o Semiárido e com as regras estatais. É uma atividade que perpassa diferentes temporalidades, caracterizada por uma divisão do trabalho que se inicia com a ida à mata em busca da madeira apropriada para servir de coluna estrutural e como material para a cobertura da casa.

Esse tipo de habitação é comum no Semiárido nordestino, mas frequentemente se torna alvo de preconceito devido à sua simplicidade estrutural. Esse estigma alimenta um imaginário estereotipado de pobreza e insalubridade, o que gera uma compreensão equivocada de uma arquitetura que possui forte expressão cultural para a população sertaneja, sobretudo para a comunidade do Cedro Novo, considerando o seu contexto socio territorial singular. Além disso, a arquitetura vernacular é uma herança cultural que integra saberes dos povos originários e à adaptação dos colonizadores.



No Brasil pré-colonial, os indígenas já utilizavam de métodos construtivos vernaculares na elaboração de suas habitações. A partir da colonização brasileira e da chegada dos povos europeus e africanos, novas técnicas construtivas foram incrementadas aos processos já desenvolvidos a partir da fusão de conhecimentos. No sertão baiano, as técnicas vernaculares mais utilizadas foram o tijolo de adobe, a taipa de pilão e a taipa de mão, sendo ainda muito utilizadas nos dias atuais. (Betette, 2022, p. 10)

Além da fusão de conhecimentos de diferentes culturas, a coletividade é uma marca importante que compõe o processo de construção das casas de taipa. Essa prática reúne a família e a comunidade inteira numa espécie de ritual de trabalho, pautado pela sociabilidade e pela cooperação. Dessa forma, o processo é dividido em etapas, o que evidencia a exigência de um planejamento de ações e de uma divisão de tarefas.

O primeiro passo é a escolha do terreno adequado onde a casa será erguida. Pelo fato de a comunidade estar situada no sopé de um conjunto de inselbergues, o relevo é bem irregular e muito pedregoso, o que necessita de um certo cuidado para estruturar a base. Com o local escolhido, realizam-se a limpeza do terreno e a medição do tamanho da habitação, o que varia conforme a quantidade de pessoas que irão morar nela.

Esse primeiro momento requer um conhecimento do solo local, uma característica das populações sertanejas, que sabe identificar a terra e a vegetação ideais. Para estruturar a casa, um grupo se encaminha para o interior da caatinga a fim de procurar madeiras resistentes e com boa durabilidade. Geralmente, essa atividade é realizada por homens, que levam seus filhos para ajudar na coleta de pequenos galhos.

Umas das árvores mais utilizadas é o sábia, de pequeno porte, que alcança cerca de 7 metros de altura contendo espinhos que necessitam ser retirados com golpes de foice. Essa madeira é ideal para a confecção de colunas, pois é pesada, dura e compacta, apresentando alta durabilidade para resistir ao peso, ao sol e à chuva (Nascimento, 1998). Angico, catingueira, carnaúba e marmeleiro também são utilizados na construção, uma vez que a escolha da madeira varia conforme a concepção e a experiência de cada construtor.

Em seguida, ocorre a instalação das madeiras centrais e a amarração das varetas nas paredes que serão preenchidas com barro. Posteriormente, colocam-

se as telhas, que podem ser feitas pelos próprios moradores ou adquiridas de terceiros. Uma moradora destaca que é necessário conhecer o tipo de barro adequado, ressaltando que “não é de qualquer canto, tem um barreiro, um local próximo ao açude em que pegamos o barro” (Dossiê, 2026, p. 43).

Com a casa já estruturada e o barro escolhido, a família se reúne com a ajuda dos vizinhos para enfim dar forma à casa. Homens, mulheres e crianças juntos tornam esse momento uma relação dialógica entre as pessoas e o lugar na estruturação do espaço a partir da experiência grupal. Esses elementos constituem a existência do lugar físico e mental, a partir da técnica que produz uma paisagem simbólica do cotidiano.

Isso mostra que as etapas da construção são eivadas de um conhecimento adquirido a partir de uma relação cultural com a natureza. A escolha da terra evidencia o contato direto com o ambiente, configurando um patrimônio repassado entre gerações que identifica os sujeitos e cria laços afetivos com o lugar. Essa transmissão fica explícita na fala de uma moradora mais antiga, ao relatar que “esta casa foi herança de minha mãe que já herdou de minha avó”. O depoimento confirma uma técnica preñe de memórias, cuja materialidade pode ser observada na figura 02 (Dossiê, 2026, p. 41).

Figura 02 – casa de taipa na comunidade Cedro Novo.



Fonte: Pinheiro, 2024.

Observa-se na imagem que alguns moradores cobrem o barro com um reboco de cimento, dando um acabamento final que possibilita a pintura das paredes tanto internas quanto externas da habitação. Essas camadas de barro,

cimento e tinta revelam um conjunto de saberes que estão implícitos para aqueles que visualizam a forma da arquitetura vernacular, compreendida a partir das resistências na construção de uma identidade singular.

Assim, as casas de taipa na comunidade do Cedro Novo são símbolos da permanência no território, marcas identitárias do lugar e constituintes de uma paisagem dotada de significados a partir do vernáculo. Essa arquitetura evidencia, outrossim, a incapacidade do poder público, federal, estadual e municipal de garantir moradia e acesso à terra no contexto socioeconômico do Semiárido cearense, marcado pela desigualdade.

Considerações Finais

Por muito tempo, o entendimento de patrimônio limitou-se aos aspectos materiais, sendo valorizado pela estética e pela beleza das construções. Essa abordagem consolidou uma visão restrita que desconsiderou a dimensão subjetiva das relações socioculturais, as quais se instituem a partir das formas de vida dos sujeitos que compõem o território patrimonializado e dão sentido ao lugar.

Dessa forma, entender que o patrimônio é constituído a partir de um complexo de interações estabelecidas por variáveis que caracterizam distintos contextos culturais é um modo de compreender a produção do espaço por meio da dimensão do mundo vivido. Essa perspectiva revela uma paisagem simbólica que representa a trajetória de um grupo e suas ações sobre uma determinada área.

Assim, este trabalho buscou compreender a arquitetura de taipa da comunidade do Cedro Novo como expressão da paisagem vernacular e como marca identitária do viver no Sertão de Quixadá. Partindo do entendimento de um patrimônio que vai além da dimensão física, característica do “discurso autorizado de patrimônio” (Smith, 2021), em direção a uma dimensão da vida comum, do cotidiano das pessoas e suas relações políticas e culturais, o que consolida a identidade a partir da construção da moradia.

A taipa não é apenas uma técnica construtiva, ela é uma expressão da vida em comunidade, do conhecimento ecológico e da relação sociedade-natureza. Configura-se, outrossim, como uma forma de resistência contra as normas do DNOCS sobre o território. Ao se concretizar como moradia a partir de um



processo repleto de significados e relações sociais, essa arquitetura deixa na paisagem a marca política, afetiva e cultural que expressa a identidade territorial do Cedro Novo.

Nesse contexto, a construção de casas de taipa no Cedro Novo materializa as memórias da comunidade a partir de uma técnica cultural, um conhecimento transmitido entre gerações e que envolve laços de sociabilidade e uma forte resistência política. Essa dinâmica estabelece uma simbiose entre o ser humano e a natureza, o que cria um sentimento de pertencimento ao lugar, expresso na paisagem.

Portanto, a casa de taipa se constitui como uma paisagem vernacular por ser uma referência cultural da comunidade do Cedro Novo. Esse aspecto foi desconsiderado pela perspectiva eurocêntrica de patrimônio difundida no Brasil nos processos de identificação e gestão do patrimônio cultural, o que invisibilizou as singularidades das populações inseridas no território patrimonializado.

Por fim, considera-se a importância da compreensão da paisagem a partir daquilo que não está visível, pois é necessário analisar o vernáculo como um patrimônio tanto para entender como os sujeitos se relacionam e criam afetividades no espaço geográfico, quanto para que não ocorram injustiças e segregações culturais.

Referências

BESSÉ, Jean-Marc. **Le paysage, entre le politique et le vernaculaire. Réflexions à partir de John Brinckerhoff Jackson**. In: ARCHES, Association Roumaine des Chercheurs Francophones en Sciences Humaines, 2003, 6, pp.9_27. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00113275/document> Acesso em: 26 de mai. 2026.

BETETTE, Beatriz Santos Silva. **Habitar o Sertão: habitação e cultura sertaneja**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 311 p.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo, Editora UNESP, 2001

COSTA, Otávio Jose Lemos. A paisagem vernacular em "O Sertanejo". **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 320–331, 2021. DOI: 10.5418/ra2020.v16i31.12388. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/12388>. Acesso em: 26 maio. 2026.

DA COSTA, Everaldo Batista. A paisagem barroca como memória estética nacional. **Finisterra**, [S. l.], v. 51, n. 103, 2016. DOI: 10.18055/Finis4292. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/4292>. Acesso em: 26 de mai. 2026.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994

NASCIMENTO, Maria de Fátima do. **Madeira do Agreste para o uso em habitação**. 1998. Dissertação (Mestrado em Tecnologia dos Materiais) – Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1998.

PONTES, Emilio (org). **Dossiê Inventário Participativo: “também somos patrimônio e não saímos daqui”: comunidade do Cedro Novo – Quixadá/CE** organização: Emilio Pontes, Caio Maciel, Dirceu Cadena. - Quixadá/CE: Deza's, 2026. 90 p. ISBN: 978-65-84514-41-6 Disponível em: <https://www.ipdobrasil.com/ebooks/> Acesso em: 19 mai. 2026.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia e Cognição**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-25, 1979.

SMITH, Laurajane. Desafiando o Discurso Autorizado de Patrimônio *. **Caderno Virtual de Turismo**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 140–154, 2021. DOI: 10.18472/cvt.21n2.2021.1957. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufri.br/caderno/article/view/1957>. Acesso em: 30 maio. 2026.

SOARES, Francisco Iarlei Martins. **Patrimônio cultural como recurso político na luta pelo território: O caso da comunidade do Cedro Novo em Quixadá, Ceará** / Francisco Iarlei Martins Soares. - 2025. 58 f. Trabalho



de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Instituto Federal do Ceará – CE, Quixadá, 2025.

SOARES, J. W. L.; ARAGÃO, R. F. PAISAGEM E GEOGRAFIA VERNACULAR NA SERRA DA MERUOCA - CE: FOTOGRAFIA E PINTURA COMO AUTO TESTEMUNHOS. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 93–112, 2020. DOI: 10.35701/rcgs.v22n1.654. Disponível em: rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/645. Acesso em: 26 maio. 2026.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.